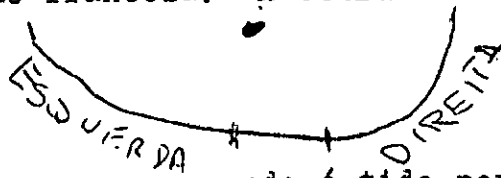


Posições e negações.

A televisão francesa, ("Antenne deux"), divulgou, dia 28 de setembro, no programa chamado "Apostrophe", diálogo sobre o tema "Qual nova direita?". O interesse da emissão reside sobretudo na conscientização do fato que as clássicas categorias "direita-esquerda", as quais ordenam há tanto tempo as várias cosmovisões e ideologias, estão perdendo toda utilidade. O curioso nisto é que, embora a ineficiência dessas categorias seja patente, a conscientização disto é difícil. A razão da dificuldade é que quem nega a diferença fundamental entre direita e esquerda é tomado, automaticamente, por direitista. Isto porque a esquerda tradicional nega a situação, a direita tradicional nega a esquerda, de modo que negar tal distinção equivale a negar a negação, ou seja: ser de direita. Enquanto não for rompido tal círculo, não será superada a dicotomia "direita-esquerda".

A emissão mencionada não tratou explicitamente do problema. O diálogo se travou principalmente entre Alain de Benoist, (um dos porta-vozes da nova direita), e Alain Touraine, (um dos apóstolos da nova esquerda), e os dois tentavam de se definirem um com relação ao outro. Pois o fracasso de tal tentativa, e a acrobacia mental que exigiu, é a lição a ser tirada por quem seguiu a emissão de um ponto de vista, digamos assim, "estruturalista". Explico:

O modelo das categorias "esquerda-direita" é a assembleia constituinte da Revolução francesa. A estrutura da assembleia é o teatro:



Trata-se de modelo barroco: o mundo é tido por espetáculo, ("cena"), e a humanidade por público contemplador, ("plateia"). Para a sensibilidade barroca o modelo é satisfatório: o "theatrum mundi" é contemplado no lazer, ("theoria"), afim que se possa conhecê-lo corretamente. O conhecimento correto é resultado de equilíbrio entre perspectivas extremas. Tal centro sintetizador das visões "esquerda e direita" é o lugar do consenso, da razão comum, da razão do Estado. O centro "normaliza" as visões da esquerda e da direita, e oferece a visão justa do mundo.

Para a sensibilidade atual o modelo é inútil. Não temos mais a sensação de estarmos assistindo a eventos, mas a de sermos empurrados por eles, (talvez rumo a um abismo). Não cremos mais que consenso seja resultado de síntese de pontos de vista, mas de manipulação de massas para formarem maiorias silenciosas. E não cremos mais que haja pontos de vista mais ou menos extremos, porque não possuímos centro, a partir do qual poderíamos medir extremidades. Mas sobretudo não cremos mais que há visão justa do mundo: toda coisa é cercada por infinidade de pontos de vista, tem infinidade de aspectos, e admitir um único é empobrecer a coisa.

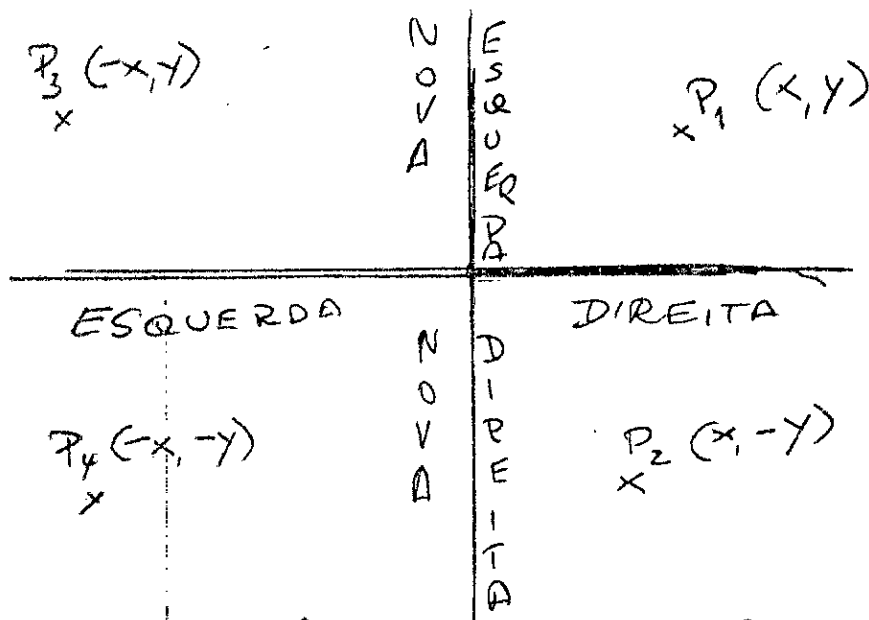
A inaplicabilidade atual do modelo pode ser resumida assim:

(1) A multiplicidade dos pontos de vista possíveis não cabe na linearidade do modelo. (2) A meta atual do conhecimento não é síntese de pontos de vista, mas descoberta de sempre novos pontos de vista, afim de permitir sempre nova estratégia. (3) O modelo supõe que pontos de vista se negam dialécticamente, quando nos tendemos a crêr que podem complementar-se, sem jamais poderem esgotar a riqueza dos aspectos da realidade. E (4) O modelo supõe que o campo da política, (assembleias constituintes), é aonde cosmovisões e ideologias se originam. Nos temos a crêr que engajamentos políticos são consequências, e não causas, de uma visão mais geral, (social, económica, cultural, artística, filosófica, religiosa), das coisas.

Mas tamanho é o poder de modelos sôbre a mente que preferimos modificar a realidade afim de adaptà-la ao modelo emvez de modificarmos o modelo. (Exemplos: O cristianismo e o marxismo, estes modelos preferenciais, captam sempre a realidade, porque, quais redes para pescar ou máquinas para moer carne, obrigam a realidade a adaptar-se às suas categorias). O modelo "direita-esquerda" foi adaptando os acontecimentos a sua estrutura. Originalmente barroco, digeriu tôdas as épocas subsequentes desde o iluminismo até quase a atualidade. Transformou, por exemplo, a aristocracia em direita e a burguesia em esquerda, ou os conservadores em direita e os liberais em esquerda. Algumas dificuldades admitidamente ocorreram, por exemplo Hegel. Mas este foi dividido em direita e esquerda hegeliana, e a dificuldade foi vencida.

O pacto teuto-soviético antes da segunda guerra quase destruiu o modelo, no entanto. Mas a dificuldade aparentemente invencível foi superada pela seguinte acrobacia: o semicírculo teatral se encurvou em círculo que se fechou por detraz da cena, e transformou o modelo de teatro em circo. Destarte os "extremos se tocaram", e a esquerda, (Stalin), conseguiu abraçar a direita, (Hitler). Depois da guerra era necessário restabelecer-se o teatro. O círculo precisava ser novamente rompido, e a curva aberta restabelecida. Ai surgiu um problema: o ponto da ruptura do círculo. Aonde estãe os comunistas? Na extrema esquerda, como eles próprios afirmam, ou na extrema direita, como afirmam os que se tomam por extrema esquerda, (por exemplo os trozkistas)? Os comunistas italianos ocupam o lugar do fascismo, e os francezes se comportam como se fossem gaullistas? O eurocomunismo é desvio para direita ou para esquerda? E são os socialistas os que pagam a conta de tal elasticidade semicircular: pendulam entre a esquerda e o centro, ao sabor dos saltos comunistas entre extrema direita e extrema esquerda.

Destarte o modelo não apenas deixou de satisfazer a nossa sensibilidade, mas em vez de orientar-nos na cena política, confunde. A França, país cartesiano, bolou o seguinte truque para salvà-lo in extremis:



Em tal novo modelo, que não é mais linear, mas plano, é possível assumirem-se várias posições que se negam mutuamente de várias maneiras. Tal jogo refinado, tão ao gosto dos intelectuais parisienses, permite combinações do tipo: P_1 , (Alain de Benoist) enquanto nova direita que nega a nova esquerda; P_2 , velha direita que nega a nova direita; P_3 , nova esquerda que nega a velha esquerda; e P_4 , velha esquerda que nega a velha direita.

A emissão de televisão que é o pretexto deste artigo consistiu de lances no tabuleiro acima esboçado. O que mergulhou a discussão toda em clima de abstração deliberada, sobretudo para quem, como o autor deste artigo, tinha voltado de viagem brasileira. Os temas discutidos tinham impacto existencial: liberdade e determinação, sofrimento e injustiça, responsabilidade individual e manipulação do homem pelo homem. Se a discussão se tivesse passado dentro do modelo antigo "direita-esquerda", teria sido chata, porque arqui-conhecida, mas teria tido por conteúdo a situação real, embora empobrecida pelas duas categorias: a direita teria, por exemplo salientado a condição natural do homem e a esquerda a sua condição cultural, (econômica); ou a direita teria defendido a liberdade de escolha, e a esquerda a da realização pela obra. Mas dentro do novo modelo a discussão era divertida, sem ter, no entanto, o impacto da realidade: era jogo.

Os problemas dos quais se falava eram aparentemente muito reais: os favelados, os "boat people", os Gulags. E sobretudo a relação da política com a cultura. Mas no fundo o que se discutia era o problema do intelectual para captar favelados e Gulags. Não nego que tal problema é mais interessante que o dos favelados e dos "boat people", (embora menos empolgante por menos premente). Mas afirmo ser insinceridade quando os que discutem tal problema se dão ares de estarem discutindo a mesma realidade discutida pelas velhas esquerdas e direitas. Porque o novo modelo não é, como é o velho, modelo para pontos de vista políticos, mas é meta-modelo do velho: serve para pontos de vista sobre pontos de vista. Propõe e nega proposições e negações, e não, como o faz o velho modelo, atos e sofrimentos. As discussões entre a nova direita e a nova esquerda são tão abstratas, porque, em vez de discutirem eventos, estão discutindo a velha direita e a velha esquerda.

Não é por truques deste tipo que a clássica dicotomia entre a direita e a esquerda poderá ser superada. O que urge é retomar contacto com a realidade concreta, empobrecida e deformada pelas clássicas categorias. O que urge é abandonar as abstrações esquerdistas, e muito mais ainda as abstrações direitistas que procuram negar as abstrações da esquerda, e redescobrir a riqueza plena da existência humana com suas infinitas facetas. Pois isto não pode ser feito nem pela nova direita nem pela nova esquerda, as quais parasitam, as duas, sobre as velhas categorias. É verdade: o jogo proposto é divertido e divertente. Mas é jogo.

Possivelmente o jogo intelectual entre a nova direita e a nova esquerda seja fenômeno de "alienação" de sociedade abastada, e portanto afastada do sofrimento cotidiano. Mas é possível também que o problema não é regional: o pensamento é, todo ele, abstrato, distante da vivência, e nenhum modelo pode pois captá-la em sua plenitude concreta. De modo que a velha dicotomia entre esquerda e direita não será superada por pensamento nenhum, (seja ele "novo" ou "velho"), mas pela ação dos que sofrem. Pois o rugir de um tal terremoto acompanhou, sotto voce, a discussão televisionada, o jogo divertido de ideias, do qual o presente artigo trata criticamente, mas também com premonições e receios.